

# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

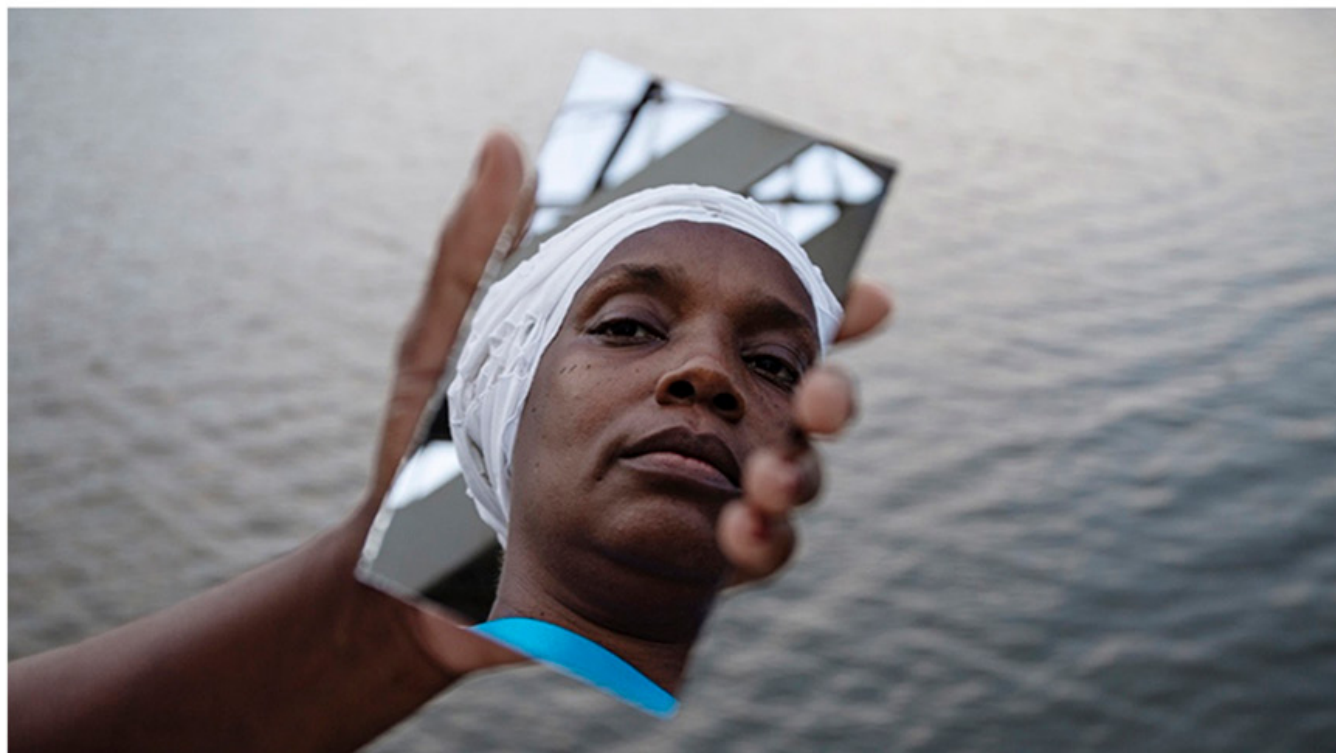


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



# Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

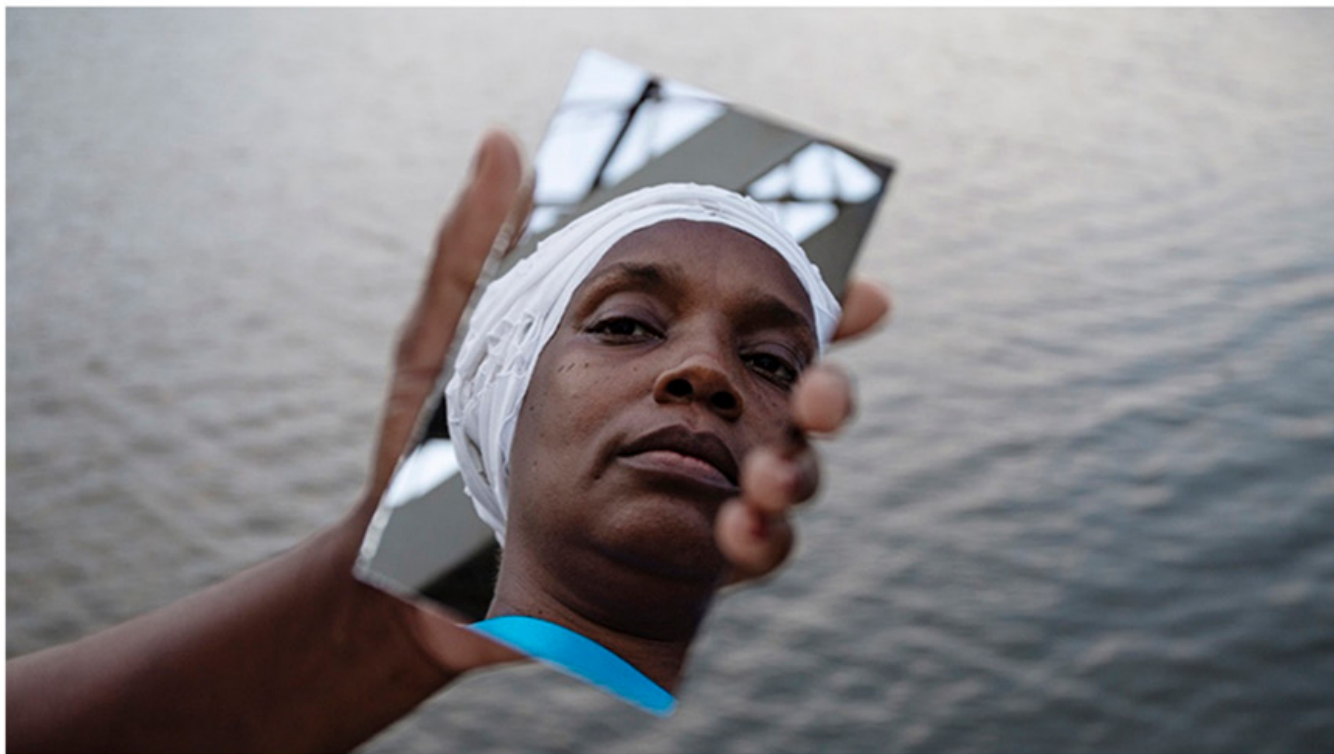


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

## Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte  
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



### Organização



### Apoio



## 42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

**PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memorian*)** – Walter Zanini

### **DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)**

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)  
Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

### **DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)  
Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)  
Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)  
Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)  
Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)  
Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)  
Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)  
Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

### **COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022**

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)  
Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)  
Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)  
Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)  
Rita Lages (UFMG/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022**

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)  
Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)  
Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)  
Paula Ramos (UFRGS/CBHA)  
Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

### **COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA**

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)  
Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)  
Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)  
Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

**IMAGEM:** Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

**DIAGRAMAÇÃO:** Thaís Franco

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail:cbha.secretaria@gmail.com

## Apresentação da Sessão 6

Dinah de Oliveira (UFRJ)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

Convocada pelo tema geral do 42º Colóquio do CBHA (2022), *Futuros da História da Arte*, a coordenação da Sessão 6 propôs à discussão pesquisas, escritas e olhares que se envolvam com a dimensão decolonial na abertura da temática *História da arte em tempos de de(s)colonialidade*. Posto que a demanda de decolonialidade no campo da arte ativa o pensamento e a produção em discursos éticos, estéticos e políticos ao criar visões de mundo que tomam existência, conflagra uma voz cultural que encaminha, necessariamente, as histórias e críticas da arte para o seu encontro.

No conjunto das comunicações, a expressão negra da arte é demarcante. O Terreiro da Casa Branca em Salvador direcionou os debates de patrimônio, musealização e exposição de objetos do Candomblé, sem prescindir de suas funções ritualísticas. A memória atlântica-africana foi trasladada nas águas dos vídeos-arte de Aline Motta. As reflexões sobre o corpo político negro/negra, nas expressões de Priscila Rezende e Renata Felinto, desconstruem o domínio racista colonizador sobre a mulher negra e, neste debate, a quebra da repressão social pela arte. A obra gráfica de Rosana Paulino pede vistas do processo histórico e denuncia como as imagens do passado estruturaram e ainda estruturam profundamente o racismo no Brasil. E as artistas Ana Raylander, e Bruni Emanuele reafirmam a arte améfrica-ladina contemporânea.

A presença negra masculina presente em Abdias Nascimento na potência de sua produção artística observada em três grandes mostras individuais. Nas tensões epistemológicas de leitura da obra de Sergio Adriano H, nos estudos de caso de Rubem Valentin e Bispo do Rosário. E no experienciar o conjunto escultórico de pedra-sabão e aço de Jorge dos Anjos, exposto no Museu Afro Brasil.

Outras discussões indagam o repensar do lugar da arte negra no período colonial. Chegam perguntas e caminhos para compreensão da arte sacra que apresentam caracterizações formais de matriz africana. Assim como o enquadramento modernista sobre a produção artística afrodescendente colonial esteve na construção da história da cultura no Brasil no século XX. Outros caminhos discutiram as imagens de circulação da população negra criadas na imprensa dos anos de 1910 e 1920, carregadas de



preconceitos, exemplo da expressão do samba e maxixe nas revistas ilustradas.

A arte contemporânea indígena está em Jaider Esbell - obras, performatividades e ativismo – no importantíssimo contributo para a descolonização da arte brasileira.

Decolonialidade, nesta sessão, foi tratada por atravessamentos dos feminismos nas produções artísticas. Assim, arte e política articulam os *Círculos Viciosos* de Rosângela Rennó, o enfrentamento ao patriarcado no projeto de Lygia Pape, *A Mulher na iconografia de massa*, no período da ditadura militar dos anos de 1970 e a compreensão dos complexos discursivos da pintura de Frida Kahlo numa perspectiva feminista.

Quadros conceituais de decolonidades se encontraram nesta sessão. A poética negra feminista das obras de Nora Chipaumire, Castiel Vitorino Brasileiro e Bisa Butler estão na chave colonialidade-racialidade do pensamento de Denise Ferreira da Silva. Precariedade e colonialidade reúnem obras de Gê Viana, Jefferson Medeiros, Marcia Falcão e Mulambo. Nudez e contrassexualidade foram problematizadas por Marina Abramovic, Anne Sprinkle, Roy Athey e pelo Movimento de Arte Pornô, brasileiro. Interseccionalidade e território nas discussões de Maria Macêdo, Pamela Zorn e Sallisa Rosa. E também, interseccionalidade – raça, classe e gênero – direciona a pesquisa sobre a produção do artesanato das e para as mulheres rurais do oeste baiano, que lutam na resistência cotidiana de seus territórios contra a opressão econômica do agronegócio monocultor.

Da Escola campeã no Rio de Janeiro do carnaval de 2022, a Acadêmicos do Grande Rio com enredo-homenagem a Exú, no topo mundo, vieram os trânsitos de imagens para novas configurações da arte contemporânea brasileira. O trágico e a dor formaram problemas do como se viu e se construiu personagens indígenas ou índio-descendentes retratados na cinematografia brasileira da década de 1970.

A Sessão 6 contou com mais apresentações. O trabalho das mulheres lavadeiras na pintura oitocentista de Gustavo Dallara. A pixação sobre a pele da cidade de São Paulo nos anos 2000, Cripta Djan e a criminalização da margem. Os túmulos castilhos para enterramentos provisórios trouxeram a cultura dos povos ribeirinhos do Amapá. Erigidos em madeira, tais construções recarregam as historiografias das formas cemiteriais. E não só, a temática da sessão também provocou questões de riscos e problemas de análises deconolizantes sobre a produção artística, aqui, no exemplo da obra de Hélio Oiticica.

Assim, por diversos pontos de partida, em *História da arte em tempos de de(s) colonialidade*, pesquisadoras e pesquisadores compartilharam reflexões que ampliam as bases teórico- metodológicas para construção de novas histórias e críticas da arte.

**Como citar:**

GERALDO, Sheila Cabo; IPANEMA, Rogéria Moreira de; OLIVEIRA, Dinah de; PIFANO, Raquel Quinet. História da arte em tempos de(s)colonialidade. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 986-988, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.*

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.ap6>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>